

Virgínia Goes e o xadrez

Em todas as vertentes, o xadrez é um tema recorrente na obra de Virgínia Goes.

Os “monstros”, as desproporções, a ausência de faces, porque o importante é a alma, e uma forte persistência na inspiração da obra de Jerónimo Bosh, de que a pintora tem um amplo conhecimento, caracterizam a sua pintura.

“A obra da pintora Virgínia Goes é fascinante pela temática escolhida. A escolha do simbolismo no xadrez torna a sua obra única no panorama nacional e associa-a ao muito que se tem feito no estrangeiro sobre este tema ao longo de vários séculos. O conteúdo simbólico dos seus quadros reflecte um conhecimento profundo do simbolismo em geral e do xadrez em especial. E este conhecimento tem vindo a aprofundar-se através dos estudos a que se tem dedicado.” Dagoberto Markl, vogal correspondente nacional da Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa, assim descreve a pintura de Virgínia Goes.

Arquitecta de formação, trabalhou mais de 20 anos na DGOTDU, na área do Ordenamento do Território. No seu ‘portfólio’ refere a citação de um colega: “Reclamo para os arquitectos os direitos e as liberdades de que os pin-

tores e os poetas há tanto tempo gozam”, mostrando que na pintura não existem barreiras. Desde 1993 dedica-se a tempo inteiro à sua paixão, a pintura, tendo já realizado uma centena de exposições colectivas e individuais, grande parte delas nos Estados Unidos da América, o seu principal mercado.

“A minha pintura sobre xadrez, com referências da Índia, devido às origens do jogo, caracteriza-se essencialmente pela técnica na preparação das telas, pela ausência de faces nas figuras, porque o importante é a alma, pelas desproporções (brincando com as perspectivas) e pela forte inspiração na obra de Jerónimo Bosh, utilizando, ao mesmo

tempo, o estilo ‘figurativo fantomático’, diz Virgínia Goes.

O interesse pelo xadrez surge por um acaso na sua vida, por uma encomenda de um amigo, sendo hoje em dia um tema recorrente na sua obra. Começou por estudar a história do xadrez e mais tarde a sua simbologia ligada à Índia. Por exemplo, para a pintora, o bispo é um elefante (animal sagrado na Índia) e uma torre é também um elefante, mas com uma torre simbólica.

Das suas últimas exposições individuais sobressaem duas pinturas sob o tema do Simbolismo: “A Magia do Xadrez” e “Philidor”. A primeira deu origem a um trabalho apresentado na Universidade Católica. A segunda inspirou uma curta-metragem, premiada no Festival de Cinema de Évora, com o mesmo título de “Philidor” e agora escolhida para representar Portugal na Coreia do Norte.

O interesse pelo xadrez surge por um acaso na sua vida

